

O ESPAÇO RURAL DA COMUNIDADE CUJARI, ABAETETUBA-PA

Eliana Campos Toutonge POJO¹

Recebido: 20/1/20

Aprovado: 26/2/20

RESUMO

O artigo busca refletir sobre o espaço rural-ribeirinho da Comunidade Cujari, município de Abaetetuba/PA. O intuito é, primeiramente, analisar o mundo rural, cuja área faz fronteira com as águas dos arredores e, posteriormente, situar as formas produtivas e de vida dos moradores. Uma das características do território são as formas de vida integrada aos ciclos da natureza, por estar habitado com grupos familiares aparentados, daí que se utiliza o conceito de lugar-território tomando as relações sociais existentes que envolvem aspectos simbólicos e socioculturais. São notórias as mudanças e, ao mesmo tempo, a concretude de um modo de vida das pessoas em concordância ao tempo da natureza, empreendendo um cotidiano coadunado com o movimento das águas e do verão, com o movimento de suas plantações, do ciclo oscilante dos preços da farinha, do inverno amazônico etc.

PALAVRAS-CHAVE: Mundo rural. Saberes. Abaetetuba.

THE RURAL AREA OF THE CUJARI COMMUNITY, ABAETETUBA-PA

ABSTRACT

The article looks for reflect about the rural-riverside area of Cujari Community, municipality of Abaetetuba / PA. The purpose is, first, to analyze the rural world, whose area is bordered by the surrounding waters and, later, to situate the productive and life forms of the residents. One of the characteristics of the territory is the forms of life integrated with nature cycles, because it is inhabited with related family groups, so it is the reason of the concept of place-territory is used, taking the existing social relations that involve symbolic and sociocultural aspects. The changes are notorious and, at the same time, the concreteness of a way of life of the people in agreement with the time of the nature, undertaking a daily life in harmony with the movement of the water and the summer, with the movement of their plantations, of the oscillating cycle of the prices of flour, Amazon winter etc.

Keywords: Rural World. Knowledge. Abaetetuba.

INTRODUÇÃO

Este escrito é parte do projeto de pesquisa denominado “A circularidade do saber em territórios rurais do município de Abaetetuba/PA: o ensinar-aprender de crianças pela diversidade e cultura”², projeto vinculado ao Grupo de Pesquisa e Extensão *De bubuia* Amazônica: infâncias, territórios rurais e processos educativos e culturais.

A saber, procura-se discutir o modo de vida rural-ribeirinho³ dos moradores da Comunidade do Cujari, município de Abaetetuba/PA, buscando interlocuções com referenciais teóricos e com

¹ Pedagoga. Doutora em Ciências Sociais. Docente do Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará-UFPA.

² Projeto financiado pela Universidade Federal do Pará, edital 07/2018 Prodoutor.

³ Termo adotado por autores da região amazônica paraense (OLIVEIRA; MOTA-NETO, 2008; PEREIRA, 2019). Nos estudos de Brandão (2007, p.38), ele trata como “comunidades camponesas tradicionais” ou “espaços rurais” (1990). POJO, Eliana Campos Toutonge. O espaço rural da comunidade Cujari, Abaetetuba-PA. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

outras pesquisas realizadas durante os últimos sete anos em contextos rurais deste município por um grupo de docentes-pesquisadores e das discussões geradas no ambiente acadêmico. O objetivo é analisar as particularidades existentes no contexto rural, *amazoniágua* e agroextrativista da comunidade⁴, procurando articular conceitos e avançar nas pesquisas sobre e junto dos povos ribeirinhos, produtores de cultura e da própria vida na região do Baixo Tocantins, de modo geral.

O território constitui-se de um pedaço de terra circunscrito por águas do rio Arienga e do igarapé Cujari, uma comunidade com características peculiares com relação as que estamos acostumados a observar em alguns centros urbanos. Podemos dizer que é um lugar-território rural e ambiental, lugar de pessoas que fazem do convívio na prática cotidiana uma verdadeira tessitura de cultura e de aprendizagem, pois afirmam que viverão ali uma vida inteira, afinal “aqui o território é de uso coletivo”. Nas palavras de Brandão (1999a, p.12), o percurso da vida se faz essencialmente educativo, “a educação existe sob tantas formas e é praticada em situações tão diferentes, que algumas vezes parece ser invisível”.

Os moradores a intitulam de comunidade rural, por ser uma comunidade tradicional de caráter agroextrativista, de forte ligação com as águas (rios e igarapés) e com a terra, mostrando-se socialmente por uma dinâmica fronteira seja na relação com a ideia de cidade (comercialização), seja com o ciclo da água (trabalho, lazer, locomoção), seja pela interconexão com outras localidades (Barcarena, Vila de Beja).

O termo *amazoniágua* é um conceito em construção, diz respeito a todo um conjunto de *saberes das águas*, os quais são tangenciados por uma travessia sócio-histórica por parte de sujeitos com seus modos de viver e estar no espaço-tempo dos rios, furos, igarapés; de matas, enquanto expressões materiais e simbólicas. Assim, esta tessitura conceitual encontra-se situada a partir das relações comunitárias e identitárias de uma realidade dinâmica e temporalmente amazônica que ocorre a partir dos corpos d’água, no caso de grande parte da natureza regional do Pará.

No caso desta travessia sócio histórica na comunidade Cujari, se empreendeu um trabalho coletivo e vagaroso no sentido metodológico, com o envolvimento de vários profissionais e acadêmicos de diferentes licenciaturas (grande parte residentes em contextos rurais) que participaram ativamente do projeto, trocando conhecimentos e experiências; discutindo conceitos e relatos de vida;

Agora, discussões e lutas recentes dos movimentos sociais vem adotando o termo “campo”, inclusive com destaque ao uso por instâncias governamentais e suas políticas públicas educacionais.

⁴ Certificação emitida pelo ITERPA. Decreto n.6040, de 07/02/2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. No caso da comunidade, existe uma associação dos Agroextrativistas do Cujari, cuja identificação é Associação do Projeto Estadual de Assentamento Agroextrativista da localidade Ramal Cujari (AGRORI) e possui 875, 9880 hectares (ITERPA, 2015).

POJO, Eliana Campos Toutonge. O espaço rural da comunidade Cujari, Abaetetuba-PA. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

formulando oficinas e roteiros de observações no *locus* da pesquisa; realizando atividades de campo em outros contextos similares ao desta comunidade, tudo isso na perspectiva de avançar no sentido de entender as atuais mudanças e modos de vida do mundo rural, em especial, nas comunidades e povos tradicionais desta região.

Assim, o conteúdo deste escrito são os processos produtivos locais em diálogo com conceitos teóricos, não se tendo a pretensão de esgotar todas as possibilidades neste primeiro momento, por se tratar de um estudo continuado e de uma pesquisa em andamento.

O artigo está organizado em três momentos, a saber:

1. Introdução: item que se situa a pesquisa e um pouco sobre o *locus*.
2. Desenvolvimento: seção na qual se mesclam aspectos metodológicos, teóricos e a análise das relações socioculturais e produtivas existentes em escala micro, enfocando as peculiaridades daquela comunidade.
3. Considerações: trata de sinalizações que refletem o entendimento e os modos de vida presentes na comunidade Cujari.

O trabalho pauta-se em uma leitura de realidade da Comunidade do Cujari, considerando seus modos produtivos de vida.

O *espiar*⁵: o caminho metodológico da pesquisa

Um comprometer-se com a pesquisa exige levar em conta as reflexões dos pesquisadores no sentido de um acúmulo teórico e ético com ela, compreendendo que os saberes da pesquisa são dinâmicos e o “ser pesquisador” é algo construído a cada dia com ensinamentos e experiências, cuja perspectiva teórico-metodológica é de fundamental importância. Aliás, estudos sobre processos identitários, educativos e com sujeitos amazônicos (ribeirinhos, quilombolas, rurais, agroextrativistas etc.), realizados por nós, já indicam o quanto é preciso pesquisar com uma visão mais focada em “ver desde a cultura” (BRANDÃO, 2015).

Nesse sentido, para uma melhor compreensão do mundo rural e do local da pesquisa, foi preciso recorrer aos referenciais teóricos cujos autores perpassam por discussões nos campos da geografia, da Amazônia e da educação. Posteriormente, foram realizadas observações no *locus* da

⁵ *Espiar* é um modo de falar do lugar. Com base nos usos e nos empregos feitos por moradores, percebi o *espiar* como o apreciar as coisas nas entrelinhas, o dar atenção, o olhar à espreita, o deleitar-se no tempo sem pressa. Em analogia com os estudos de Loureiro (2015) sobre o tema, *espiando* vão aprendendo e ressignificando a realidade, formulam leituras de mundo, já que na condição de “caboclo amazônico, na sua jornada diária, seja na caça, na pesca, nas viagens, vive a doçura obcecante do olhar”. O *espiar* é fonte de observação (LOUREIRO, 2015, p.147). Faremos destaque a essas e demais categorias e/ou expressões de uso local no texto, em itálico.

pesquisa entre os meses de julho e dezembro de 2018 e março a junho de 2019, na tentativa da recolha de dados sobre a realidade pesquisada.

Detidamente, o embasamento teórico-metodológico abarcou estudos e reflexões produzidos por Brandão (1995, 1999, 2007), visando compreender o processo da pesquisa e a atuação do pesquisador, isto é, como ele atua, interage e aprende com a pesquisa que desenvolve. Sobre essa questão, o autor descreve sobre o processo de trabalho de campo no artigo “Reflexões sobre como fazer trabalho de campo”, alertando para os dilemas, processos e os cuidados na condução da investigação. Por sua vez, o antropólogo Clifford Geertz salienta em seu livro “O saber local” que é necessário que os pesquisadores vejam o mundo do ponto de vista dos nativos (GEERTZ, 2008, p.87), tomando seu fazer enquanto uma interpretação possível, algo modelado, construído, fabricado; ao mesmo tempo, alerta-nos para a importância de se compreender as múltiplas interfaces e interações que estão na realidade social e cultural onde a pesquisa se insere.

Tomando a abordagem qualitativa, os procedimentos metodológicos se assentaram por uma prática de pesquisa participante, a qual compreende a investigação científica como *práxis*, ou seja, significa que, ao mesmo tempo, o sujeito age/reflete e ao refletir age, uma vez que teoria e prática se fazem juntas.

Em termos empíricos, o *locus* da investigação é a Comunidade Cujari, localizada no Ramal Cujari, compreendendo a extensão geográfica do município de Abaetetuba/PA, que faz limite com o município de Barcarena através do rio Arienga. Nela, houve uma incursão sociocultural e histórica, na tentativa de descobrir os principais modos de produção da vida que fizeram com que hoje existam pessoas que morem e trabalhem nesse lugar.

O CENÁRIO: considerações acerca da paisagem pesquisada e do modo de vida rural

Compõem a região do Baixo Tocantins os seguintes municípios: Acará, Abaetetuba, Barcarena, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Oeiras do Pará, Baião, Mocajuba, Moju e Tailândia. Essa região é entrecortada pelos rios Moju, Pará e o Tocantins e se trata de uma das áreas de colonização mais antiga tal como a Bragantina, sendo que as duas estão inseridas no que identificamos como região Nordeste paraense. Tais regiões apresentam-se em termos culturais e geográficos demarcados por identidades ribeirinhas, das várzeas, de terra firme, de estradas e de ramais, além das condições fronteiriças com a extensão de águas. É constituída também por sujeitos que possuem uma diversidade de saberes das águas e sobre a terra, cujas comunidades localizam-se em ilhas, sem contar na atual massificação da dendeicultura na região (NAHUM; SANTOS, 2013).

Presencia-se um modelo de desenvolvimento socioeconômico situado em função do capitalismo, o qual põe no centro as empresas privadas sob o dispêndio de incentivos públicos, além de uma forma de atuar que abarca as recentes técnicas de produção, o que contribui para a transformação do espaço rural da região de modo geral, cada vez mais focado na dendeicultura e na escassez do trabalho agrícola enquanto tradição cultural e modo de produção da vida de povos e comunidades tradicionais.

No que trata da difusão do meio técnico-científico-informacional, utilizamos Santos (1999) para refletir sobre as transformações ocorridas no espaço rural de Abaetetuba, que enfrenta diariamente alterações em seu contexto rural e de águas com forte prática da agricultura de auto sustento, da pesca artesanal, da produção da farinha e seus derivados, do cultivo de quintal, sinalizando com isso a adequação a novos reordenamentos comerciais e produtivos que se associam muito ao modelo de produção capitalista, cuja praticidade vem se dando com a venda de terras para empresas e, ainda, cada vez menos com uma prática do cultivo. Nesse sentido, Chauí (2008, p.55) ao discutir sobre cultura, vai ao surgimento do termo. “Como cultivo, a cultura era concebida como uma ação que conduz a plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém; era fazer brotar, frutificar, florescer e cobrir de benefícios”. Partindo desse pressuposto, procura-se analisar os reflexos e as principais mudanças nos modos de vida advindos da adoção de outras composições culturais e produtivas que adensam a prática cotidiana dos sujeitos rurais nesta comunidade. No caso, as pessoas não consideram apenas o aspecto físico da terra e das águas, ao contrário, são espaços de muitas práticas sociais do viver.

As composições culturais e produtivas presentes na prática cotidiana abarcam a mediação quintal-roça-rio-mata. Pela *mata*, processam-se fazeres do tipo: retirada de lenha para produção de carvão; caça; apanhação de açai⁶; caminhada por entre a vizinhança e nas localidades próximas, retirada de madeira ainda existente.

A *varja* é a área representada por diferentes espaços como a *beira*, a *beirada*, *lá longe*, a *boca do rio*, a ponte, o trapiche, além de situar os rios, os furos e os igarapés⁷. Nesses espaços outros (caminhos, cursos d'água, quintais, retiros e roças), as pessoas não só compartilham o espaço físico, como também interagem mutuamente. Nesses espaços partilhados por grupos familiares, os adultos,

⁶ *Apanhação* – termo adotado pelos moradores, referindo-se ao modo artesanal de colher o fruto do açazeiro.

⁷ *Beira*, termo adotado neste escrito para referir-se à feira, onde concentram-se a comercialização de produtos da agricultura e outros. Ela conforma o fluxo entre as ilhas e a *urbis* do município Abaetetuba, fazendo-se em uma travessia costumeira. Enquanto, as *beiradas*, é o nome dado às proximidades das estradas, de ramais, de rios e de igarapés. Ou, *lá naquela beirada*, refere-se a um conjunto de casas que ficam às margens do rio ou do furo.

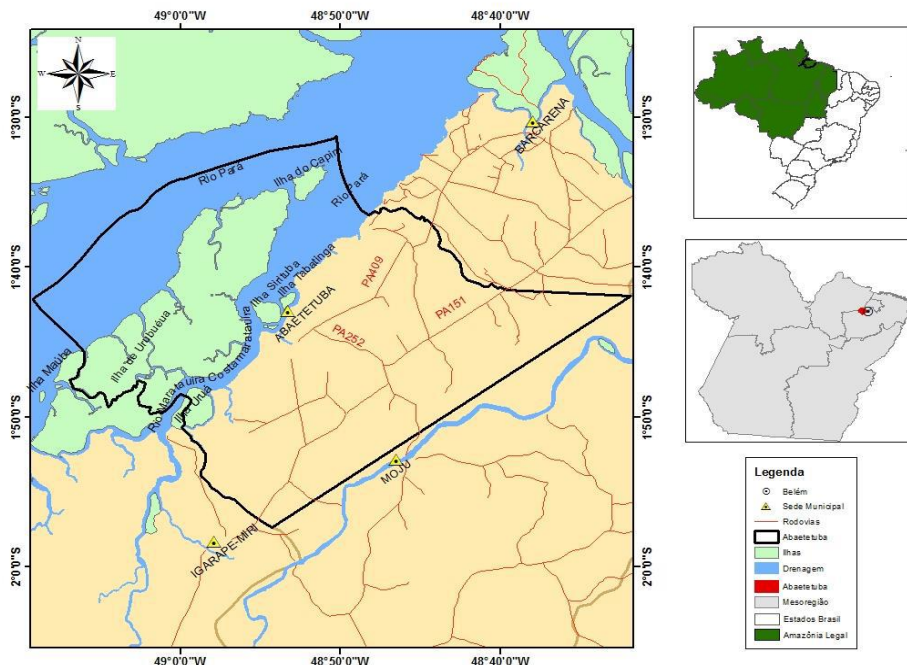
os jovens e as crianças, através das atividades rotineiras ou de algum entretenimento, utilizam e circulam por eles e fazem circular práticas, saberes. Em síntese, vivenciam formas de dar, de receber e de retribuir, de serem solidários uns com os outros (MAUSS, 2003).

No entanto, as alterações no ciclo de vida e de produção apresenta-se por uma paisagem natural em processo de desmatamento, de poluição das águas rio Arienga e do igarapé Cujari e, ao mesmo tempo, nessa mesma comunidade, vivenciam o trabalho coletivo nas roças, de empréstimos e usos coletivos dos retiros, de uma ajuda mútua entre parentes. Encontra-se ativo a conversa entre vizinhos, o deitar-se na rede após o almoço, as reuniões da comunidade, a festa do padroeiro, o banho de rio. Desse modo, a vida interage com a natureza do lugar, com o ambiente natural; os lugares são conexos às práticas de convivência e de produção, as relações de trabalho ainda se assentam consideravelmente no núcleo familiar, a interação humano-natureza é na ordem das necessidades básicas e não tão somente na lucrativa. Disse uma das moradoras:

Como fica o meio ambiente? Estamos vendo a ilegalidade por ser terra coletiva e, também, porque a gente economiza para não desmatar e o outro vem, vende. Temos que pensar: e as crianças que estão nascendo como vão se manter? Aqui somos nós lutando para se manter, porque caboco do interior tem que lutar (entrevista realizada em 2018).

Mesmo com toda dificuldade devido ao limitado tamanho de terra para cultivar, os rios poluídos e cada vez menos moradores envolvidos com o trabalho da agricultura, os que lá nasceram e permanecem no lugar buscam outras alternativas de trabalho e de geração de renda. Nessa situação, resguardadas as proporções, encontram-se os moradores de várias localidades em ilhas, vilas ou ramais do município e região. Eles buscam, cotidianamente, adequar-se a outros modos de produção da vida em função das alterações naturais e socioeconômicas, conforme já mencionamos.

Figura 01 – Mapa da cidade do Município de Abaetetuba



Fonte: IBGE 2002.

São moradores que ocuparam terras “de heranças dos seus antigos e falecidos parentes”, sendo, portanto, de sua propriedade. Vivem naquele espaço agroextrativista, compreendendo similaridades com outros lugares da região.

São comunidades que possuem um conjunto de fazeres-saberes sobre a vida camponesa-ribeirinha-amazoniáqua que são criados e recriados em sintonia com os recursos naturais, ou seja, há uma atitude prospectiva de reinvenção dos conteúdos culturais existentes nesses territórios, consequência não apenas de razões práticas de gestão da vida, mas também de uma curiosidade que os move e que os coloca na condição de ‘atravessados’ à natureza, ao mesmo tempo que seus valores do conviver, suas tradições ricas de simbologias amazônicas convertem-se em processos educativos no ordinário da vida (POJO, Diário de campo, 2019).

Seus modos de vida são formas da capacidade criadora humana, portanto, são geradores de processos educativos em que cada sujeito aprende a continuar o trabalho da vida, afirmando “[...] os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser” (BRANDÃO, 2009a, p.13). Por exemplo, na Comunidade do Cujari, adultos levam as crianças para os retiros de farinha e lá, brincando, vão aprendendo desse fazer-saber⁸. Naquele espaço humano,

⁸ Nos termos de Brandão (2009a, p.13), diz respeito ao “saber do ofício” de “agentes populares de trabalho simbólico”. POJO, Eliana Campos Toutonge. O espaço rural da comunidade Cujari, Abaetetuba-PA. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

constroem um sistema do lugar a partir das práticas sociais que vão estabelecendo entre as gentes no processo identitário e de suas histórias.

Mesmo com todas as mudanças advindas das alterações na natureza e da própria vida moderna, os moradores habitantes do Cujari procuram ainda estabelecer laços de afetividade e pertencimento. São formas de convívios que fazem com que a maioria das famílias residentes na localidade produzam e ressignifiquem símbolos e imaginários, visto que estes sujeitos detém a esperança de que a sobrevivência no/do território seja possível pela própria união e luta comum do grupo. São mudanças postas, como foi frisado, pela poluição dos rios e do próprio desgaste do solo, fazendo com que os moradores reordenem suas práticas cotidianas; assim, naquele pedaço de terra rodeado por águas, alguns moradores são trabalhadores em empresas e outros continuam atuando em práticas agroextrativas, de pesca e de produção da roça e da farinha de mandioca.

De algum modo, no lugar, as pessoas convivem com a reprodução de seus modos de vida e de saberes, de processos identitários. Tuan (1983) nos situa que o lugar pode ser definindo como produção e significado simbólico, círculo de vida, significado cultural e trabalho, sendo todos esses elementos mediados pelo sujeito em seus mais variados arranjos sociais. Segundo o autor, o lugar é onde se (re)constrói a vida, um espaço onde os seres humanos dão vitalidade às suas histórias, estabelecem suas relações com os seres e com a natureza, criam vínculos e convívios, laços de coletividade e de identidade. Portanto, um espaço só se transforma em lugar quando este adquire definição e significado pelos sujeitos, sendo a prática social dos seus habitantes uma das características fundamentais do lugar pela qual tais sujeitos (re)conhecem e constroem a realidade, afirma o autor. No caso, quanto mais imbricado com um lugar, maior será o valor dado a ele. Por isso, o afeto e a identificação evidenciam a força do (re)conhecimento e de pertencimento com o lugar.

Os moradores que hoje vivem no Cujari se dizem sujeitos do “interior”, “da roça”, “do mato”, “moradores rurais”, de um rural-ribeirinho⁹ - sujeitos que produzem o rural/campo, que avivam cotidianamente com o território vínculos de apreço e enraizamento, posturas que mostram em grande medida serem parceiros uns dos outros em seus modos de vida e de trabalho. A conceituação de sujeito rural-ribeirinho, como afirmam Oliveira e Mota-Neto (2008, p.37), são os que, além de criarem suas estratégias sociais, também possuem “[...] saberes e práticas sobre os variados ecossistemas, fato que lhes confere conhecimento e habilidades diversas e plurais acerca do complexo roça-mata-rio-igarapé-quintal”, isto é, a partir da unidade familiar eles desenvolvem o trabalho com

⁹ O termo não está presente no vocabulário dos moradores como os demais que estão com aspas.

POJO, Eliana Campos Toutonge. O espaço rural da comunidade Cujari, Abaetetuba-PA. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

a terra, com o mato e nas águas para a manutenção e sustento da mesma. Trata-se de um povo que partilha uma vida comunitária, comungando conflitos, disputas e parcerias, cujas histórias em comum carregam aprendizados de uma mesma tradição, ou seja, vivem e coletivizam tempos-espacos que têm como mediadores a natureza e seus recursos.

Agora, é preciso considerar os contornos sociais no movimento da contradição, das ações e das rupturas, dos arranjos e das estratégias que os moradores da comunidade criam e (re)criam para viverem no lugar. No caso da comunidade pesquisada, existem as preocupações e as lutas do grupo comunitário pela manutenção da vida com condições mínimas, da vigilância constante contra os roubos em suas propriedades e cultivos. Pontualmente, estão envolvidos com as lutas que se contrapõem aos impactos social, cultural e econômico causados à vida das pessoas pela empresa Hydro, de mineração. Uma moradora e trabalhadora da roça assim comentou o assunto: *Nós convivemos hoje com a poluição do ar pelo impacto causado por empresas de Barcarena. E, nós aqui precisamos da água e da terra.* Podemos dizer que eles possuem consciência acerca das consequências das indústrias na vida ribeirinha, inclusive destacam a diminuição da produção da farinha por conta disso. Também, vivem “pedindo aos céus” proteção para a agricultura, pois a cada tempo climático eles podem sofrer prejuízos nas suas plantações, pois estas e a produção da farinha estão postas às alterações da condição climática, como exemplo.

Saberes da natureza: das águas, da terra, da mata, do território

Na comunidade, os homens e as mulheres, as crianças, os idosos e os jovens se apropriam dos espaços, criam e processam atitudes no lugar de convívio através de um viver rural. Eles e elas foram e vão aprendendo com os antepassados a manterem suas relações sociais pautados em uma tradição e ancestralidade amazônica, ainda que em movimento de adequação aos contornos sociais, ambientais e de outras formas de produzir. Cabe dizer que são poucos moradores que vieram morar na comunidade, e os que chegam são parentes dos que lá estão.

O território agroextrativista é para os seus moradores uma maneira de se autoafirmarem enquanto produtores de uma cultura rural, fortemente marcada pela agricultura e a convivência comunitária, cuja produção acontece basicamente nos mesmos espaços: os quintais, as matas, as águas, os caminhos, os retiros, o ramal, o rio e o igarapé. Significa dizer que a constituição do espaço geográfico da comunidade é potencializada a partir do ciclo da natureza e da própria organização comunitária dos moradores.



Foto 1 Área de Proteção Ambiental Fonte: POJO, E.C.T., 2019



Foto 2 - Rio Arienga Fonte: POJO, E.C.T., 2019.



Foto 3 - Área da Igreja Católica. Fonte: NEGRÃO, J.C.C., 2019.

Existem os espaços das moradias que contornam os caminhos e o ramal, as áreas comuns e de preservação situadas por eles, como *as matas*, e onde também se processam a produção material e imaterial em função do tempo da natureza; a área dos cursos das águas, somado aos aspectos sociais com as diversas formas de relações e parcerias entre familiares e/ou vizinhos. As pessoas levam em conta o movimento da natureza, seja pela temporalidade das águas (marés, cheia e vazante), seja pelo tempo amazônico de verão e invernos intensos, seja pela geografia de acesso demarcada pelos ramais, caminhos, rios e igarapés. As fronteiras são estabelecidas “por terra e por água”, segundo dizem alguns moradores. Assim, a mobilidade das pessoas é conforme o tempo da natureza, fazendo com que o integre em seus ciclos de vida.

O território com extensão geográfica rural ainda é a referência na vida dos que vivem e dependem dele, pois no lugar as pessoas acreditam, desejam e se esforçam para produzirem sua existência. No caso, a geografia da comunidade vem se alterando, mas a produção humana continua.

Cabe situar um pouco mais esse contexto amazônico, pensando a partir da assertiva do educador Carlos Rodrigues Brandão.

[...] são comunidades rurais onde o trabalho com a terra é dirigido a produzir, além do consumo, o excedente comercializável. Planta-se, coleta-se e cria-se para viver e para vender. Troca-se, vende-se e compra-se trabalho por bens, bens por bens, trabalho e bens por dinheiro. E disso se vive a “vida na roça”. A meio caminho entre uma natureza ainda não inteiramente socializada e incorporada ao domínio da cultura (aqui num duplo sentido da palavra) e a cidade, o lugar-urbano dos “recursos” e do mercado regional, assim pessoas, famílias e comunidades rurais vivem em espaços cujo lugar mais central é o sítio, a pequena propriedade ou posse camponesa, cuja extensão mais familiar é o bairro rural e seus equivalentes. Uma vida rural a que no limite mais costumeiro cabem **vários** qualificadores [...], e a que no limite mais próximo a uma “nova racionalidade” cabem nomes como “moderno” ou “modernizada” (BRANDÃO, 2007a, p.54, grifos nossos).

A extensão das águas no contexto amazônico em suas múltiplas interfaces nos conduz pensar no regime *amazoniágua* como característica principal, o qual forma horizontalmente um sistema de intertrocas entre pessoas e com elementos culturais de uma ancestralidade amazônica. Em suma, a característica *amazoniágua* abarca um conjunto de saberes-fazeres, reveladora de uma singular relação com a natureza aprendente e, parafraseando Milton Santos (2002, p.243), seria a condição de “[...] respeito tradicional às condições naturais [...]”.

No aspecto sociocultural, no lugar, basicamente vivenciam lutas e disputas em prol da manutenção do território comum e coletivo, cuja organização comunitária se dá essencialmente pela ação da associação na comunidade, com a ressalva de que, mesmo os moradores conhecendo as regras comuns, passam por conflitos e até desentendimentos.

Outro fator importante é a forma de uso do território. São as mesmas pessoas que o utilizam, o que muda é a característica da produção material. Por exemplo: “no tempo das chuvas”, ficam bastante em casa consumindo a farinha produzida anteriormente e subsistindo com os recursos guardados; “no tempo do verão”, pescam, plantam e cultivam, fazendo uso dos rios, da terra e da mata. As famílias sabem conviver com estas duas estações, verão e inverno; observam a natureza e sabem quando é propícia a pesca, quando é apropriado para arar a terra e para o plantio da maniva, quando vai cair chuva etc.

O território, para os seus moradores, remete sempre ao lugar de moradia, de lazer e de trabalho, porém, é preciso respeitar as regras da natureza. Conforme relato de um dos moradores: “A gente tira daqui o nosso sustento, é muito bom morar aqui, porque a gente tem fruta no pé; quando é tempo, a gente pesca, coloca os matapis¹⁰, vai para o retiro”. Estes homens e mulheres vivem uma

¹⁰ São utensílios confeccionados com tala de miriti e usados para a pesca artesanal do camarão nos rios da Amazônia paraense.

POJO, Eliana Campos Toutonge. O espaço rural da comunidade Cujari, Abaetetuba-PA. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

territorialidade amazoniáqua, na confluência entre as águas e a terra, as chuvas e o verão, a poluição dos rios e a pouca terra para o plantio de roças, como espaços de vivência comum. Assim, as principais reflexões relacionadas aos indivíduos que moram nesse contexto e suas especificidades buscam significar o território com base em conceitos, atribuições e as suas práticas sociais, suas formas de organização social e seus saberes locais. Nesses termos, e tomando alguns conceitos trazidos por Godoi (2014), o território não pode e nem deve estar associado tão somente a uma porção delimitada de terra, mas sim a um conjunto de práticas, de saberes e de sujeitos, de visões de mundo a partir do cotidiano de vida nos territórios.

Ainda sobre essa questão, a autora estudiosa das relações territoriais afirma:

O território toma forma não só por meio da inscrição no espaço físico, mas com as narrativas, pois ele também é organizado discursivamente, sobretudo, quando se trata de territórios de povos para os quais a tradição oral ancorada na memória social tem um peso importante, como os estudados por nós, antropólogos (2014, p.10).

Vale lembrar, diz a autora, que a discussão a respeito do território não deve se limitar tão somente a dimensão material, uma vez que este tem múltiplas dimensões, entretanto, essa mesma dimensão não deve ser ignorada, pois a organização da sociedade que temos atualmente também decorre da estruturação e da articulação do território material que foi articulando-se de acordo com o tempo histórico e com a necessidade humana.

Ainda sobre esse mesmo assunto, Brandão (1995, p.171) lembra de que “os espaços são os mesmos e são outros, mudam. Tal como as sociedades, os territórios têm também a sua história”, o que justifica as formas organizativas de convivência comunitária e de pertencimento com os mesmos.

Na comunidade se processa um tipo de produção social, onde todas as ações de vida e de trabalho acontecem em função da existência de um território fixo e comunitário. Buscam constantemente formas de utilização dos recursos da natureza, sabendo da necessidade de se adaptarem aos novos fluidos climáticos, econômicos e de valores não tão comunitários. Dona Ita Ferreira, 106 anos, a moradora mais antiga do lugar assim se expressou:

Aqui quase tudo é meu parente. No meu tempo o boto pulava n'água tibeí, mas agora foram embora tudo. Gosto da minha casinha na beira do rio Arienga. Gosto de açaí e do mingau de miriti, quando tem na mesa fico alegre (entrevista realizada em 2018).

No lugar, habitam gentes com significações próprias e modos de ser e viver particulares, que faz acontecer a vida social e produtiva de cada um nos espaços.

CONCLUSÃO

A análise aqui foi a partir do contexto rural da comunidade Cujari, Abaetetuba/PA, procurando articular a produção da vida em relação aos seus modos de agir dentro de território comum, fixo e *amazoniágua*, enfocando em especial as formas de trabalho e costumes locais. Trata-se de uma comunidade bastante comum no que diz respeito ao cenário rural, ribeirinho do município e até da região.

A categoria comunidade é, para os moradores da comunidade Cujari, uma maneira de se autoafirmarem enquanto protagonistas de suas formas de produção. Em função das necessidades básicas de subsistência, os habitantes partilham saberes e estabelecem vínculos, como integrantes de um grupo social com regras de uso comum no território.

Também, neste escrito acenou para a compreensão das formas de saber sobre o lugar expressado a partir das relações simbólicas e culturais. Além disto, os territórios rurais-ribeirinhos na Amazônia paraense concentram limites geográficos com os cursos das águas, cuja ação humana é mediada em função das regras da natureza. São territórios com uma sazonalidade agrícola ainda diversa, sendo possível afirmar que as formas de produção e utilização se aliam basicamente aos ciclos das águas, das matas e da terra.

Constitui-se um lugar formado por uma territorialidade e temporalidade engendrada na condição de situar-se em um pedaço da Amazônia, reproduzindo um modo de vida peculiar, uma identidade, enfim um mosaico de processos identitários do caboclo amazônico. Nesses termos, nos parece fundamental que o Estado e a sociedade vislumbrem um agir com ações públicas (de garantias de direito), visando melhorar as condições escolares e as condições de vida para o contexto rural, a fim de reduzir as desigualdades regionais e assim possa contribuir para um tipo de empreendimento social e de exercício pleno da cidadania.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. Olhar o mundo e ver a criança: ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculos de cultura. *Crítica Educativa* (Sorocaba/SP), Vol.1, n.1, jan./jun. 2015, p. 108-132.

_____. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Sociedade e Cultura*, v. 10, p. 11-28, 2007.

_____. *Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil*. *Ruris*, v.1, nº01, março, 2007a, p.37-64.

_____. Pesquisar – Participar. In: *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *O que é Educação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999a.

POJO, Eliana Campos Toutonge. O espaço rural da comunidade Cujari, Abaetetuba-PA. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069

BRANDÃO, C. R. *A partilha da vida*. Taubaté: Editora Cabral, 1995.

_____. *O trabalho de saber: cultura camponesa e escola rural*. São Paulo: FTD, 1990.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. En: *Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales*. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires: CLACSO, 2008.

GEERTZ, Clifford. *O Saber Local*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GODOI, Emília Pietrafesa de. Territorialidade: Trajetória e Usos do Conceito. *Raízes*. v.34, n.2, jul/dez, 2014. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br>. Acesso em: 09/04/2019.

LOUREIRO, J. de J. P. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. 4ªed. Belém/PA: Cultural Brasil, 2015.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a Dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p.07-33.

NAHUM, J. S.; SANTOS, C. B. dos. Impactos socioambientais da dendeicultura em comunidades tradicionais na Amazônia paraense. In: *Revista de geografia agrária, Boa Vista*, v. 6, n. 12, 2013. p.63-80.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de.; MOTA-NETO, João Colares da. Introdução. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno (Orgs.). *Cartografias ribeirinhas saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas*. 2ª ed. Belém: EDUEPA, 2008.

PEREIRA, Rosenildo da Costa. Comunidades tradicionais, meio ambiente e trabalho: análise da pesca com matapi por ribeirinhos amazônidas. *Revista Terceira Margem Amazônia*. v. 4, n. 12, Jan/Jun., 2019.

SANTOS, Milton. *Espaços da racionalidade. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução Livia de Oliveira. Difel: São Paulo, 1983.

POJO, Eliana Campos Toutonge. O espaço rural da comunidade Cujari, Abaetetuba-PA. In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN 23581069